

<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/304711464>

Considerações construtivistas sobre oportunidades e vulnerabilidades na adolescência

Janine Marinho Dagnoni

AMSEL, E.; SMETANA, J.G. (Ed.). *Adolescent vulnerabilities and opportunities: developmental and constructivist perspectives*. New York: Cambridge University Press, 2011. ISBN: 978-0-521-76846-7.

A presente resenha refere-se a uma publicação da Sociedade Jean Piaget, fundada em 1970, por Piaget, em Nice, na França, enquanto participava de um *workshop* organizado para discutir a importância da interdisciplinaridade. Desde então, a Sociedade foi se reorganizando e conta hoje com uma série de livros, um encontro anual, uma revista científica (*Cognitive Development*) e um *site* (<http://piaget.org>). O volume aqui resenhado foi editado por Eric Amsel e Judith Smetana. Os editores discutiam, em 2005, em Atlanta, na Sociedade para Pesquisa em Desenvolvimento Infantil, recentes descobertas científicas relacionadas aos fatores biológicos e socioculturais do desenvolvimento adolescente, que trouxeram evidências do declínio das produções relacionadas ao panorama

construtivista para compreensão deste estágio do desenvolvimento. Isso os motivou à organização de uma conferência relacionada ao desenvolvimento adolescente em uma perspectiva construtivista, para revigorá-la e atribuir sentido aos novos achados científicos. Em colaboração com a Sociedade Piagetiana, a conferência aconteceu em Quebec, em junho de 2008, no 38º Encontro Anual da Sociedade Jean Piaget (JPS), e dela resultou a presente publicação, intitulada *Vulnerabilidades e oportunidades adolescentes: perspectivas desenvolvimentais e construtivistas*, composta de um capítulo introdutório, seguido de duas partes com quatro capítulos cada, escritos por diversos autores da área, que envolvem processos ativos dos adolescentes e seus subsídios para coordenar capacidades, habilidades e compreensão.

No primeiro capítulo, Eric Amsel e Judith Smetana escrevem sobre "Os processos construtivistas no desenvolvimento adolescente", fazem uma introdução e apresentam uma síntese do livro. Iniciam discutindo metaforicamente, de maneira generalizada e conflitante, a apresentação da natureza dos adolescentes construída com base em diversas teorias no campo do desenvolvimento humano, ora como *aprendizes* (que participam de atividades culturais), ora como *juvenis* (que se acomodam em um processo de maturação biológica longo e lento) e ainda como *arquitectos* (que constroem estruturas mentais e processos normativos em progressão natural de desenvolvimento em direção à racionalidade, moralidade e autonomia). Em vez de reavivar antigas ideias dos padrões normativos de desenvolvimento, este trabalho direcionou-se a revigorar interesses em assuntos e características que articulassem as novas descobertas com a concepção de adolescência como um período específico do ciclo de vida, que oferece oportunidades únicas, mas também cria vulnerabilidades particulares aos adolescentes.

Os autores fazem ainda uma análise da abordagem construtivista e das características críticas da epistemologia genética relacionadas ao desenvolvimento adolescente, na qual os indivíduos são pensados como "agentes ativos em seu próprio conhecimento e desenvolvimento". Ademais, ressaltam a diminuição de publicações referentes aos princípios apresentados por Piaget e as críticas que levaram a isto, baseadas nas variações contextuais e culturais das operações formais do pensamento. Pesquisas apontam crianças novas com demonstrações surpreendentes de pensamento lógico, hipotético e abstrato em certos domínios, contextos e culturas, assim como adolescentes e adultos que, com igual surpresa, fracassam em demonstrar tal pensamento em outros domínios, conteúdos e culturas. Isso parece questionar a noção de Inhelder e Piaget de que um "estágio" de operações formais emergisse espontaneamente e universalmente na adolescência.

Em seguida, apresentam um panorama geral dos capítulos do livro, afirmando que nem todos os autores veem explicitamente seus trabalhos como provenientes de uma perspectiva construtivista, mas como colaboradores desta visão. De maneira geral, consideram que, apesar de os domínios (neurológico, cognitivo, experiencial, social) serem distintos, os adolescentes atribuem sentido ao seu mundo pela coordenação de ações,

integrando elementos separados em um sistema organizado de relações, as quais modelam seu desenvolvimento e criam oportunidades, objetivando o desenvolvimento positivo, no entanto, apresentam vulnerabilidades decorrentes se as coordenações não forem bem sucedidas.

Seguindo com a primeira parte do livro, as perspectivas biológica e cognitiva são postas em evidência. O segundo capítulo, escrito por Giedd e colegas, aborda o tema "Imagem por ressonância magnética estrutural do cérebro de crianças e adolescentes em desenvolvimento típico". Os dados apresentados sugerem que muitas das mudanças cerebrais hereditárias são modeladas de maneira dinâmica e ao longo do tempo. Durante a adolescência, ocorrem, em especial, mudanças na massa cinzenta, particularmente no córtex pré-frontal, que estariam associadas ao aumento da eficiência, da efetividade e do controle das funções cerebrais. Portanto, os autores consideram que conhecer o momento em que as estruturas cerebrais são particularmente sensíveis às influências genéticas ou ambientais pode ter implicações educacionais e terapêuticas importantes, a fim de criar condições para otimização do desenvolvimento cerebral em populações tanto clínicas como saudáveis.

O terceiro capítulo, escrito por Laurence Steinberg, intitula-se "Assunção de risco adolescente: uma perspectiva da neurociência social" e mantém o foco na trajetória de mudanças no cérebro adolescente. Resultados de pesquisa indicam que o comportamento de risco adolescente seria produto da interação de mudanças em dois sistemas de controle neurológico: o socioemocional e o cognitivo. O primeiro sofre aumento da atividade dopaminérgica, que favorece a busca por recompensas mais imediatas. A trajetória desta busca por recompensas se desenvolve em função de U-invertido, crescendo entre a pré-adolescência e a adolescência média e então declinando. Em contraste, o segundo, relacionado à percepção de autocontrole, a comportamentos não impulsivos e ao planejamento estratégico aumenta linearmente da pré-adolescência até a adolescência tardia. Isso cria uma janela temporal de vulnerabilidade à assunção de risco durante a adolescência média, pois a dificuldade no controle cognitivo dificulta a análise dos custos potenciais dos comportamentos de risco, o que melhora progressivamente, caracterizando o aumento da conectividade entre os sistemas, e esse funcionamento integrado favorece o desempenho. Tal desempenho pode ser otimizado mediante mudanças no contexto social, afastando as oportunidades de risco.

No quarto capítulo, Deanna Kuhn e Amanda Holman discutem "Quais são as habilidades cognitivas que os adolescentes precisam para a vida no século XXI?" e apresentam a adolescência inicial como momento para propor alternativas de currículo que engajem o adolescente em práticas de discurso argumentativo que favoreçam a reflexão metacognitiva, a qual auxilia os adolescentes a conter suas emoções, a ouvir, a pensar, a prover razões para dar suporte aos argumentos e a responder diretamente ao que lhes esteja sendo dito e, assim, superarem a tendência de focar seus esforços em expor suas próprias posições, negligenciando prestar atenção aos argumentos do oponente. Isso favorece a superação da

compreensão do conhecimento como certo e acumulativo a favor de sua incerteza e relatividade, tornando-os aptos a reconhecerem que a maioria dos resultados no mundo real é oriunda de múltiplas variáveis e a serem capazes de coordená-las, o que garante uma participação mais efetiva dos adolescentes nas práticas de discurso intelectual particulares ao século 21.

Eric Amsel escreveu o quinto capítulo, que aborda o "Pensamento hipotético na adolescência: sua natureza, desenvolvimento e implicações". O pensamento hipotético-dedutivo é considerado uma grande conquista adolescente e caracteriza-se como a habilidade de raciocinar sobre alternativas a respeito do que é o mundo, recrutando a imaginação (simulação mental), fazendo inferências sobre os fatos imaginados e interpretando suas consequências no mundo real para orientar a tomada de decisões. Esse processo exige esforço árduo de controle consciente de crenças disponíveis, que eventualmente favorecem, mas que podem enviesar e/ou paralisar o pensamento hipotético. O autor sugere, assim, que existem dois sistemas cognitivos paralelos: experiencial (automático e disponível) e analítico (mais consciente, esforçado e lento, que inibe experiências espontâneas). Considera que, apesar de as crianças serem capazes de imaginar e criar opções (ex.: jogo simbólico), não o fazem de maneira analítica, o que dificulta pensar cursos alternativos para as ações efetuadas. Ambos os processos devem atuar de maneira regulada, avaliando-se conscientemente a efetividade de cada um dadas as variações do contexto, o que ressalta a importância da metacognição para o pensamento hipotético-dedutivo, que pode ser aperfeiçoado por *feedback* e prática.

A segunda parte do livro discute as perspectivas social e contextual e começa com o sexto capítulo, escrito por Avril Thorne e Lauren A. Shapiro, "Testando, testando: contação de história diária e a construção da identidade adolescente". Os autores elucidam formas sociais de coordenação de atividades e também discutem interações pais-criança que funcionam como andaimes e espirais para diálogos sobre o *self* como sendo atividades sociais coordenadas que promovem a construção de narrativas identitárias. A reação da audiência ajuda o contador da história a interpretar o significado da experiência vivida, o que enfatiza a importância de selecionar uma audiência apropriada, que pode ser, não necessariamente, os pais.

O sétimo capítulo aborda o "Pensamento social do adolescente e relações com pais: conflitos e coordenações nos e através dos domínios". Nele, Smetana se propõe a compreender por que os conflitos entre pais e filhos aumentam na adolescência e a proximidade entre eles diminui. A autora apresenta diferentes domínios sociais, quais sejam: um senso *pessoal* de controle, privacidade e preferência; o mundo *social* de normas, expectativas e autoridades; as prescrições *morais* como justiça, obrigação e direitos e/ou as crenças *prudentes* relacionadas à saúde, à segurança e à felicidade, tanto no âmbito individual como no interpessoal. A puberdade dispara um processo a partir do qual os adolescentes delimitarão as fronteiras entre os domínios e a maneira como serão coordenados. Os conflitos entre pais e adolescentes ocorrem porque o domínio pessoal do adolescente se expande e se depara com as fronteiras parentais dos domínios social, moral

e/ou prudente, provocadas pela expressão da autoridade dos pais. Esse momento de conflito apresenta-se, no entanto, como um contexto efetivo para adolescentes negociarem com seus pais a expansão da sua autonomia e, quando isso não acontece, outras estratégias (mentir, evitar assuntos, omitir) podem ser utilizadas para minimizar ou evitar o conflito em busca de autonomia, diminuindo a frequência, mas aumentando a intensidade. Assim, um nível médio de conflito na relação entre pais e filhos mostrou-se mais efetivo que nenhum ou demasiado conflito.

William M. Bukowski, Melissa Simard, Marie Eve Dubois e Luz Stella Lopez escreveram, no oitavo capítulo, sobre "Representações, processos e desenvolvimento: um novo olhar sobre a amizade na adolescência precoce" e enfatizaram o papel da coordenação de atividades cognitivas e sociais de adolescentes na construção de novas compreensões e novos relacionamentos, tendo as relações de amizade como contexto de investigação. Eles acreditam que os adolescentes estejam em risco caso não consigam se engajar em atividades coordenadas que transformem interações comportamentais em representações de amizade. Ademais, reportam resultados de uma pesquisa longitudinal, que testa um modelo de desenvolvimento da amizade baseado no modelo de interações de Hinde, o que confirma a maioria de suas hipóteses.

O nono e último capítulo foi escrito por Robert Crosnoe e intitula-se "Escolas, colegas e o panorama do desenvolvimento adolescente". Nele, Crosnoe explora as relações entre pares de adolescentes no ensino médio, percebido pelos adolescentes mais como um contexto social que educacional. Foca em adolescentes estigmatizados pela obesidade ou pela pobreza e testa um modelo que tem a cultura escolar como efeito mediador na trajetória acadêmica desses jovens adolescentes. O efeito moderador foi encontrado, particularmente para garotas, e considera que as coordenações sociais de adolescentes com seus pares no ensino médio mediam seu desenvolvimento social a curto prazo e sua preparação acadêmica a longo prazo. O autor conclui que este processo reflete a natureza dos adolescentes como agentes sociais na tentativa de compreender se eles se adequam socialmente e como lidam com as consequências quando não se percebem como adequados. Nesse caso, o empenho para continuamente tentarem se adequar gera um esforço extra que acaba competindo com as atividades acadêmicas, o que pode favorecer o fracasso acadêmico.

Diante do exposto, considera-se que os autores cumprem o objetivo de elucidar possibilidades de articulação entre a perspectiva construtivista e as atuais perspectivas sociais e sociointeracionistas ao reafirmarem que a coordenação de atividades dos adolescentes envolve a conexão de processos elementares, estruturais e individuais nos níveis neurológico, cognitivo e social. Estas atividades parecem proporcionar tanto oportunidades para o desenvolvimento positivo quanto vulnerabilidades, principalmente no que tange às especificidades de constituição e desenvolvimento do pensamento hipotético-dedutivo, típicas dos adolescentes, que, sendo conhecidas, abrem portas para prevenção e intervenção nos âmbitos neurológico, cognitivo e social. Assim, um potencial e frutífero campo de direcionamento para

pesquisas é apresentado, sugerindo que os limites entre as abordagens teóricas são efetivamente tênues e precisam ser mais investigados, antes que um posicionamento mais definitivo seja postulado.

Janine Marinho Dagnoni, mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professora assistente do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil.

jmdagnoni@hotmail.com